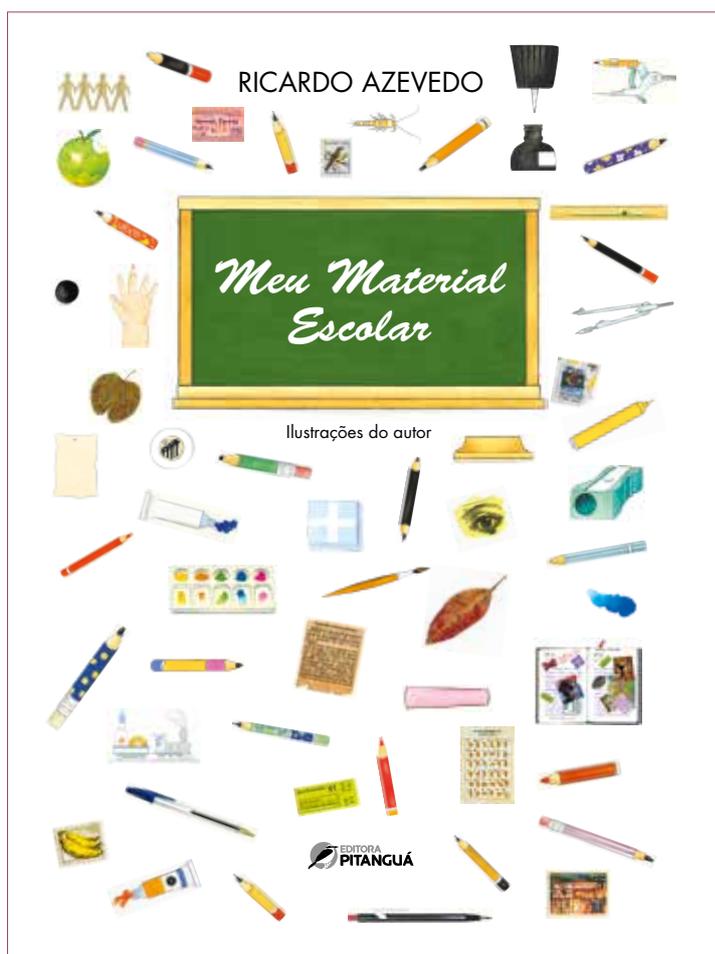


# *Material de apoio ao professor*

Contextualização da obra



# *Meu material escolar*

Ricardo Azevedo

Ilustrações do autor

Coordenação pedagógica  
Maria José Nóbrega

## *De Leitores e Alas*

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

## Um pouco sobre Ricardo Azevedo, o autor de *Meu material escolar*

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado). Escritor e ilustrador paulista, é autor de mais de cem livros para crianças e jovens, entre eles: *O homem no sótão*, *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*, *Lúcio vira bicho*, *Trezentos parafusos a menos*, *Armazém do folclore*, *Ninguém sabe o que é um poema* e *A hora do cachorro louco*. Tem livros publicados na Alemanha, Portugal, México, Holanda e França. Entre outros prêmios, ganhou cinco vezes o Jabuti. Doutor em Letras pela USP (Universidade de São Paulo), é pesquisador na área da cultura popular.



### *A obra*

Em um trabalho ao mesmo tempo delicado e divertido, Ricardo Azevedo extrai poesia de um tema aparentemente prosaico: o material escolar. Ora, acontece que quem já foi criança deve se lembrar do prazer e da excitação que sentia no começo de cada ano escolar, diante de seu material novo, pronto para ser utilizado. Material esse que não serve unicamente para os estudos: serve para escrever bilhetes para os amigos, fazer desenhos no caderno e outras coisas mais. Certamente seus alunos vão se divertir com essas pequenas homenagens à agenda, à caneta hidrocor, ao compasso, à tesoura, à lancheira e até mesmo ao apagador, que, como bem lembra o autor, apaga giz de lousa, mas não apaga dor nenhuma, infelizmente.

### *Comentários sobre a obra*

Em *Meu material escolar*, Ricardo Azevedo permite às crianças uma aproximação leve e prazerosa da linguagem da poesia, ao escolher um tema bastante familiar ao universo

dos jovens leitores. Os versos em redondilha maior, simples, musicais e fáceis de ser lidos em voz alta, remetem ao universo da poesia popular: é a mesma métrica utilizada com maior frequência nos repentes e na literatura de cordel. Em meio aos poemas, encontraremos também pequenas adivinhas, que nos revelam que a poesia também pode ser jogo e brincadeira.

As ilustrações do livro, criadas pelo próprio autor, harmonizam-se perfeitamente com o tom dos poemas, por vezes bem-humorados, por vezes líricos. O autor transita com facilidade do tom prosaico para o lirismo, sem em momento algum perder a leveza.

### *Quadro-síntese*

**Gênero:** Poema.

**Componentes curriculares:** Língua Portuguesa, Arte, História, Educação para o consumo.

**Tema contemporâneo:** Vida familiar e social.

**Público-alvo:** 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental.